

Anistiado político: LUÍS CARLOS DOS SANTOS

Data de nascimento: 29/11/1947

Eu posso dizer que eu comecei quando nasci. O Luiz Carlos Prestes estava no auge, foi o senador mais votado em 1947, e da Constituinte. Também teve aquela luta da marcha pelo Brasil, a Coluna Prestes, que atravessou todo Brasil com muita vitória, não perdeu nenhuma batalha e foi parar na Bolívia. E o meu pai se entusiasmou com aquilo, como todos na época. Tanto é que meu nome é Luiz Carlos em homenagem a Luiz Carlos Prestes. Então, meu pai sempre foi simpatizante do Partido Comunista. Daquela época até 1960. Depois meu pai fez a opção pelo PSD, e eu sempre o acompanhava; a gente gostava de política, Juscelino Kubitschek. Eu fui morar no Conjunto IAPI, próximo à Paranaíba. E uns amigos lá, principalmente o Marcantônio Dela Corte, já tinham ideia formada sobre o comunismo, sobre o socialismo. E conversa vai, aquela amizade com o Marcantônio, fui me interessando mais ainda, fui me aprofundando. Geralmente reunia eu, o Marcantônio e o Antônio Batista Massavo, o Toninho, já falecido - um amigo muito leal e muito batalhador. Nessa época, eu ainda era criança, década de 60, eu nasci em 1947, veio a eleição do Juscelino em 1959, 1960. Então, naquela época já ia me interessando e sempre participei do movimento.

Naquela época nós chamávamos a turma de turma do IAPI. Tinha o Carlos Ribeiro, o Mauro Ribeiro, esses companheiros todos foram amigos de infância. Hoje o Mauro Ribeiro tornou-se pintor; o Carlinhos hoje é compositor. Então, a gente teve uma amizade com um pessoal com uma formação boa. E eu sempre participava. Naquele episódio do 5 de março eu estive lá, mas muito acanhado, ainda não era organizado. Ia, acompanhava as coisas mais ou menos de perto, às vezes entrava na luta. Teve um enterro, não sei se do Carlos Lacerda, estava acompanhando no Café Central e lá eu tive o primeiro atrito com a polícia.

Quem organizava mais na época eram os estudantes e também os operários da construção civil, o Pedro Ribeiro, pai do Carlinhos, era líder sindical; o PCdoB e PCB também, a esquerda em geral. Nessa época tive o primeiro confronto com a polícia, até então eu não tinha ido para organização nenhuma. Tive confronto com a polícia e depois, por a cidade ser pequena, um policial me encurralou querendo me espancar, me matar porque eu joguei pedra. Arrancava tábuas para me defender da polícia. Eles com bombas. Então, o primeiro contato com organização política foi na realidade através do Marcantônio, ele que me recrutou. A primeira organização em que participei foi o PCdoB, numa reunião lá na fábrica de chapéu, em Campinas, com o Saulo Dias Taguatinga, o pessoal que depois foi para o PCB. Depois eu tive uma pequena militância na POLOP – Política Operária, foi coisa muito rápida, através do Itamar, depois o João. Nessa época eu comecei a manter contato com o movimento estudantil, comecei a me interessar pelo movimento estudantil. O Tônico, o Marcantônio foram para o PCB, e eu fui também.

A FÁBRICA DE CHAPÉU

A fábrica de chapéu era um lugar que um empresário emprestava para a gente fazer reuniões. O partido nessa época estava na semiclandestinidadade. Eu sei que era uma fábrica de chapéus. A coisa não era muito aberta. Sempre discreto, por motivos de segurança, não procurava saber, estava ali dentro de uma parede, ali era uma parede para reuniões. Não queria saber

muitas coisas, eu era até muito discreto e só vim saber quem era o dono agora. Embora, Goiânia fosse muito pequena eu nunca soube, eu era militante, não era policial.

O GOLPE

Nessa época já veio o golpe. Eu fui para a Praça Cívica. Eu trabalhava no Clube dos Diretores Lojistas. Eu só lembro que eu tinha pedido para sair do serviço no dia da derrubada do Mauro. E o pessoal sobrevoando Goiânia, aviões, e os interventores tentando entrar e a gente lá na Praça Cívica dando apoio para o Mauro.

Eu era estudante, estudava aqui no Brasiliense, antes eu estudei no Ateneu e depois estudei no Brasiliense. Eu me senti revoltado como todo mundo. Era visto no rosto de cada um a revolta, a indignação com aquele ato. O Mauro, como vocês sabem, no início ele apoiou o golpe, depois que ele resistiu, foi contra. Os militares o depuseram. A praça estava lotada, a solidariedade foi muito grande na renúncia do Mauro. O pessoal carregou o Mauro Borges nos braços. Eu era muito magro para carregá-lo, mas apoiei esse ato. Foi realmente algo que deixou o povo muito indignado. E daí para frente serviu para eu firmar e tomar mais consciência, ler livros. Teve alguns que me inspiraram, que me ajudaram na formação política, como o Godinho da Fonseca, com O Petróleo é Nosso; Um Outro Dia na Vida do Brasilino - era um panfletinho, dizia que o Brasilino já acordava escovando os dentes com colírios, tudo americano, a vida todinha, da hora que acordava até a hora de dormir com produto americano, de multinacional. Era para mostrar como era grande a influência americana no país.

MILITÂNCIA

Fomos para o PCdoB. Já estava militando, não muito organizado, mas já participava de reuniões do PCdoB. Como eu disse, na época era semilegal, não era aquela clandestinidade que nós enfrentamos depois do golpe. Depois do golpe eu participei de reuniões, de algumas conferências, do que nós chamávamos de estudos, que fazíamos fora de Goiânia, sobre Marxismo, Leninismo, o socialismo. E, então, fomos nos aprofundando mais. O livro Princípio Fundamental da Filosofia para mim foi muito importante, despertou mais a minha cabeça para desenvolver mais em prol do socialismo. Nós reuníamos e formamos uma base do PCdoB. E isso durou, segundo Marcantônio, até a queda do PCdoB. Daí eu fui para a POLOP. Quanto mais o golpe, o governo ia apertando, mais eu militava. Era necessário mais luta, engajar mais na luta.

O PCdoB tinha caído, e muito dos militantes do PCdoB foram para o Partido. A maioria do pessoal do PCB era do PCdoB. Então, fomos nos organizando. Eu me organizei de verdade no PCB, uma militância muito ativa. Na época eu participava, eu estava praticamente sem trabalhar, vivia mais para militar, nem estudar eu estudava mais, militando.

A UGES tinha acabado e veio a CGE - Coordenação Goiana dos Estudantes. Participamos do congresso da CGE, organizamos o congresso, e o Partido ganhou as eleições na CGE. O

Partido foi se tornando forte, tinha muitos militantes, e militantes de qualidade, muitos companheiros bons mesmo.

Eu comecei a trabalhar em televisão e fui levado pela mão do Marcantônio. Então, fui para a televisão e de lá conheci outros companheiros. Recrutei alguns lá dentro, que eu prefiro não citar nomes. Eu não estou autorizado para isso. Lá na televisão formamos uma base de jornalistas e radialistas. Nós participávamos do movimento estudantil, quando houve uma greve no Lyceu, onde o Kardec era presidente. Veio uma repressão muito forte, um salve-se quem puder, cada um correndo para o lado. Peguei um amigo meu, um companheiro que a gente conhecia mais ou menos, como eu sempre fui discreto, não perguntava de onde era nem nada. Fomos subindo a Rua 20 até a Casa Paroquial da Catedral. Aliás, minto, no início quando eu comecei a subir a Rua 20, vinha um cara na contramão em um jipe da polícia, do DOPS. Vinha descendo e esse cara jogou uma pedra. Uma estupidez! Aquilo era entregar a cabeça para a polícia. Eu só vi que na hora que jogou a pedra, eles pararam o jipe e vieram. Eu corri para o rumo da Catedral e quando cheguei à casa do Arcebispo não tinha mais para onde correr. Entrei e eles me deram apoio, me mandaram ir para o fundo. E eu fui para o fundo do quintal, desesperado, com medo de ser preso. Naquela época não tinha normas, não tinha regras, não tinha lei, ninguém respeitava lei. Não tinha habeas corpus, não tinha nada, já não tinha mais, era o AI5, então do jeito que eu vinha eu pulava os muros. Sorte que eu não encontrei nenhum cachorro nesses muros. E exausto, já na quinta ou sei lá que casa, uma senhora me encontrou e me colocou em um quarto desses de despejo e mandou-me ficar quietinho lá até as coisas se acalmarem. A polícia estava toda lá, Rua 20, 24, Lyceu de Goiânia, Rua 18, estava tudo tomado pela polícia. Fiquei quietinho lá no quarto de despejo. E ela, uma senhora espetacular, quando viu que tinha acalmado, veio, me colocou dentro do carro dela, um fusca, se não me engano, pegou umas roupas sujas e jogou todas em cima de mim. Como eu era magrelo, pesava 57 quilos, bem diferente de agora, eu cabia em qualquer buraquinho. E fiquei entre os bancos. Eu falei onde morava, na Rua 70, ela foi me conduzido. Eu vi que fomos parados duas vezes, ali o coração foi quase a mil por hora. E ela dava uma explicação, eles olhavam e a deixavam ir. Aí me deixou em casa, tranquilo. Isso serviu para eu perceber que o povo estava do nosso lado. A solidariedade do povo, da igreja, a igreja progressista, estava do nosso lado.

AI-5

O AI-5 foi uma monstruosidade, começou a cair gente, foram presos uns companheiros nossos. Em 1969, foram presos o Marcantônio e o Léo Lince da CGE. Inclusive nós fizemos uma reunião para intensificar a panfletagem, o pichamento que a gente vinha fazendo para demonstrar que eles não tinham culpa, era para desviar a atenção deles e mostrar que o Partido não tinha caído. E sempre com a assinatura do PCB. Eu senti todo mundo solidário, super solidário. Na época, eu recrutei até minha irmã para levar documentos dentro do CEPAIGO, porque quando o Marcoantônio, o Léo Lince, o Toninho, o Paulo Silva de Jesus, esse povo estava preso, e minha irmã ajudava a levar documentos. Eu de vez em quando ia vê-los. Eu não podia me expor muito, mas eu ia lá e, também, levava documentos para A Voz Operária.

Em 1968 participei das greves, do movimento estudantil, mas eu era discreto, eu era cameraman. Eu trabalhava seis horas e ficava tranquilo o resto do dia. Tinha meu tempo para

militar e não envolvia, não levava nada para televisão. O único trabalho que eu fazia dentro da televisão era falar com os companheiros tentando recrutá-los. Recrutei alguns companheiros dentro da televisão para o Partido. Nós formamos a base dos radialistas com o pessoal da TV Goiânia, era o nome na época, a TV Anhanguera. Da TV Brasil Central não tinha ninguém. Ganhamos o sindicato, a eleição do sindicato, graças à liderança do candidato a presidente, e meu companheiro, Paulo Vilar. Ele tinha uma liderança muito grande. Nós ficamos um partido forte, nós tínhamos a CGE nas mãos, tínhamos os principais grêmios: Pedro Gomes, o Lyceu era Ação Popular, o Colégio Rui Barbosa; tínhamos uns cinco ou seis, e ficamos fortes em termos de organização. O PCB era um partido respeitado, tanto é que a repressão ficava de olho na gente. Eles sabiam que era um partido mais consequente, um partido forte e que não estava para brincadeiras. Embora ninguém falasse em pegar em armas, a nossa luta, o que nós pregávamos foi o que aconteceu: era eleição direta, era democracia, voto livre e esse tipo de coisa que nós estamos vivendo, só não aconteceu o socialismo ainda.

REPRESSÕES E RESISTÊNCIAS

Eu participei da (...), então era reunião constantemente, só jornalistas. Eu era um dos responsáveis pela gráfica do Partido, que ficava na chácara da fábrica de chapéus. Esse companheiro era um companheiro espetacular, era um espanhol, uma pessoa que dava apoio para nós todos, não tinha medo.

Eu e o Ismael Silva tomávamos conta da gráfica. Tinha um jornal impresso aqui; o nosso era mimeografado. A gente mandava artigo para A Voz Operária, tanto é que pegava artigo no CEPAIGO com o pessoal que estava preso. Estavam presos, mas estavam escrevendo, faziam reunião lá dentro, continuavam militando. Eles vieram de Juiz de Fora e foram para o CEPAIGO. Como eu era da (...) eu tinha uma militância lá dentro, era uma tarefa que o Partido tinha me dado. Então, eu tentava por alguma coisa em noticiário na televisão... Na Folha de Goiás, que era da mesma empresa minha, eu tentava por alguma coisa; estava ali, constantemente, tentando driblar a censura.

Com o meu desempenho na televisão me deram o cargo de diretor artístico. E diretor artístico, naquela época, era ao vivo, tinha que cuidar dos programas, programar filmes. Eu era assediado, todos os dias a censura estava lá. O Ivanir, que era diretor da censura, e eu tentávamos fazer a política da boa vizinhança com eles, e eles até gostavam de mim. Na época que fui preso foi a maior surpresa para eles quando me viram lá dentro da Polícia Federal.

Nós distribuíamos, por exemplo, para os principais jornais, mandava para as ruas. Era rápido. Gostávamos muito de fazer comícios relâmpagos, pegávamos uma caixa e em três minutos dávamos o recado: Abaixo a ditadura, abaixo o AI5; era rápido, nos misturávamos no meio do povo e íamos embora.

Eles fecharam a CGE. Nós ficamos muito queimados com esse negócio da CGE, porque o DOPS prestava serviço para a Polícia Federal, e não saía do nosso pé. Só que não tinha provas, nós fazíamos as coisas, não tinha nada de concreto do Partido. Fecharam a CGE, que era legal.

Nós não podíamos estar batendo papo com amigos em um barzinho, em lanchonete que a polícia abordava a gente, não podia juntar que era reunião. Eu me lembro de um lugar na Anhanguera, em frente o Café Central, estávamos lá dentro, eu sempre com um Pasquim embaixo do braço, que era uma edição legal, embora contra o governo, de resistência à ditadura. Os caras tomaram, fecharam as portas lá no Garden e nos prenderam lá dentro, queriam nos levar presos. Nós dizíamos: somos estudante e tal... Chamavam a gente de melancia, verde por fora e vermelho por dentro, começavam a fazer provocações e depois nos liberavam. Era uma canseira violenta, nós não tínhamos paz. E eu, com esse negócio da televisão, tive que me afastar um pouco, mas continuei militando no sindicato. Eu era tesoureiro do sindicato; o Paulo era o presidente; o companheiro da televisão que eu trabalhava, o Nairam, era o secretário. Então a gente militava lá no sindicato. Eu com mais de dez anos na televisão, que era importante no meu entender, não pela questão salarial, porque me deram o cargo mais não aumentaram o salário, mas por uma questão de estratégia, estando ali eu sabia de tudo. Por exemplo, teve um Sete de Setembro, o Marcantônio era o câmera, nós ficamos mostrando a repressão lá; usava o zoom da câmera para mostrar os aparelhos da repressão, as armas. E eu mandava: o diretor quer que corta, põe no ar etc. para mostrar e denunciar o armamento que estava em um desfile estudantil. Então, até isso nós fazíamos.

A censura era total, tive até que fazer uma carteirinha da censura para trabalhar. O Ivanir mandou todos da televisão fazer; e eu não fugi à regra, como diretor artístico tive que fazer se não eu não poderia continuar trabalhando. Carteirinha tipo da Polícia Federal, Ministério da Justiça, mas para trabalhar na televisão; e todos eram obrigados a fazer isso para trabalhar. A censura dele, na verdade, não era censura coisa nenhuma. Era um programa ao vivo, musical, que eu, o Valtinho, o Odilon cantor fizemos; era até um programa para ver se colocávamos um conteúdo político de leve, sutil, bem discreto e que se chamava “As Dicas”. Colocávamos este programa no ar, e ele nunca criou caso não. Ele fazia mais censura papel, filmes, a censura atuava como a coisa mais besta.

Os caras não eram preparados, não tinham preparo intelectual nenhum. Tinha um jornalista, que era produtor e era da polícia, nós sabíamos, mas não falávamos. Como a gente pensava em infiltrar dentro da imprensa, eles também pensavam. Fiquei na coisa até cair. Quando começaram a cair uns colegas, os companheiros... Foi o Ismael. Detalhe a gente não sabe, o Comitê Estadual, o Comitê Municipal, caíram todos.

ISMAEL SILVA

O Ismael foi assassinado lá dentro. Mataram o Ismael, um jovem brilhante e que tinha um futuro pela frente. Muito inteligente, companheiro, solidário, um cara que só tem elogios. A família foi colocar na Folha de Goiás uma nota pelo enterro dele e a censura federal proibiu. Não poderia colocar nada. Eu tentei, insisti em colocar.

Simularam um enforcamento: uma corda e tal, mas pela altura que ele estava não dava para enforçar, foi um negócio muito mal feito. Eles o entregaram para a família. Na hora do enterro tinha mais polícia federal do que companheiros lá. Queriam proibir abrir o caixão, e o pai dele resistindo e por fim abriram. Parece-me que Dom Fernando, o pessoal da igreja tirou fotos. Ele estava com os olhos perfurados, as unhas arrebitadas, estava com marcas de flagrante tortura.

Eu acho que o Ismael merecia ser homenageado de todas as formas, tudo que fizer pelo Ismael é pouco. Ele para mim foi um herói, deu a vida por uma causa. Foi companheiro, não só meu, mas de todos; solidário, segurou as pontas. Com 17 anos ele já estava no Comitê Estadual porque ele tinha conhecimentos políticos, tinha teoria, tinha o que passar discutir em pé de igualdade com aqueles de 60, 80 anos.

Nós andávamos dia e noite, eu e ele que fazíamos parte da gráfica, cuidávamos da gráfica, da distribuição de panfletos, pichamento. O Ismael não media esforços, ele foi um companheiro realmente de valor. A gente distribuía as coisas, ele era disciplinado ao extremo. No partido, quem era do partido tinha que ser disciplinado.

A gente tinha pouco conhecimento da mãe do Ismael, eu pouco tenho o que falar da mãe do Ismael. Ele vivia com o pai dele, ela era separada do pai. Ele era muito apegado ao pai, tanto é que foi o pai que insistiu em abrir o caixão lá no cemitério. Eu não estava lá, eu não posso falar, mas me parece que estava disposto a pegar em arma para abrir o caixão, para enfrentar a Polícia Federal; o pessoal que conteve ele. Por fim, eles tiveram que abrir o caixão. Foi onde o arcebispo, o pessoal ligado a igreja tirou fotos do Ismael morto; eles queriam enterrá-lo sem ninguém, a família, ninguém ver.

Então, eles mudaram; ficaram cismados, mudaram um pouco a tática, os interrogatórios. Para eles, o que eles achavam, é que tinha sido um acidente de trabalho. Eu senti que eles mudaram um pouco a forma de interrogatório, não deixaram de torturar, mas com cautela para não matar. Então eles tiveram mais cuidado.

E nessa época que estava o pessoal todo, saiu da cadeia um companheiro da minha base de jornalista, e esse companheiro foi direto encontrar comigo e me falou: Olha Luiz, eu vou te falar um negócio, eu te entreguei. No interrogatório eu não aguentei a tortura e te entreguei, e eles vão te pegar. Eles já devem estar te procurando. E esse companheiro me alertou me falou: Olha, não negue nada, não nega nada do que eu falei, por que se negar será pior a tortura. Eu falei e falei tudo, não aguentei não. Foi muito honesto o cara comigo, eu acho honestidade. E aí eu comecei a bancar o esperto, eu não queria cair. E como eu trabalhava em televisão, e sempre tinha eventos aqui, musicais tipo Airton Rodrigues, o pessoal vinha constantemente a Goiás porque eles tinham boa audiência. E tinha aquele outro programa sertanejo, do Geraldo Meireles, e eu misturava no meio deles e dormia sempre no hotel com eles, porque queriam me pagar sozinho. Eu os via passar de jipe. Naquele hotel da Rua 4 esquina com a Rua 8, Hotel Brasília me parece, eles passavam, olhavam e chagavam até fazer menção de sair do carro, e eu me infiltrava no meio dos carros e entrava para dentro; aonde os caras iam eu ia atrás; boate, aonde eles iam eu estava junto, eu só não podia ficar sozinho.

Nós estávamos em pleno AI5, pleno governo Médici que foi o maior repressor da história. A imprensa amordaçada, a imprensa era massacrada. Era lógico, o pessoal temia, fazia a regra. O cara já tinha autocensura de jornalista na época, salvo alguns nomes que se sobressaíam na imprensa nacional e ousavam falar alguma coisa. Mas aqui em Goiás, não. Até hoje nós temos censura, só que a censura de hoje é diferente, ela é econômica. Hoje ninguém fala mal do governo. Quando você vê falando mal do governo, o Jornal Nacional falando, outro falando, você pode ver que está faltando verbas. Em quatro dias começam a falar bem de novo, pois os pagamentos são feitos, está tudo acertado. A censura hoje é econômica, e eu acho até pior que a política.

Eu acho que as autoridades municipais, vereadores, poderiam fazer um processo (Só que ninguém tem história alguma na cabeça, a maioria desconhece; o que dá tristeza na gente é que ninguém conhece a história, conhece o que foi a ditadura. E a maioria desse pessoal que está no poder aí, com exceção do Iris que foi cassado, o resto são todos jovens, não se preocupa em saber), deveriam fazer uma estátua em homenagem ao Ismael. Deveriam dar o nome de uma praça, de uma rua, de um viaduto; ao invés de colocar pessoas ricas, deveriam dedicar a um estudante, um revolucionário igual o Ismael foi. Ele merece isso, já passou da hora. O único que se lembrou do pessoal foi o Pedro Wilson, que fez aquele monumento aos mortos e desaparecidos, mas hoje esta virando é lugar de dengue.

Houve um momento em que a gráfica do partido caiu lá em São Paulo, caiu e a Polícia Federal, o Ministério da Justiça e o Armando Falcão fez uma rede nacional de rádio e televisão para denunciar, mostrando como era a gráfica, as portas subterrâneas. E até quem morava na gráfica, por coincidência depois nós ficamos sabendo, eram os nossos companheiros que já tinham fugido e sido presos aqui no CEPAIGO: o Marcantônio, o Elias Moreira Borges, já falecido. Nessa gráfica, por azar meu, ou sorte, a televisão minha lá sai do ar. Rapaz, foi um quiproquó para mim. A direção achou que eu quem tinha tirado a televisão do ar por causa disso, e eu não tive mais clima para continuar lá. Porque qualquer coisa: foi o comunista. Era taxado de comunista.

PRISÃO

A prisão mesmo foi em 1974. Eu fui julgado pelo Superior Tribunal Militar. Recebi um telegrama para comparecer ao julgamento e eu resolvi ir. Eu não estava disposto a fugir, eu tive até convite para fugir. O problema foi que meu pai estava doente e a qualquer momento poderia morrer, e eu não queria fugir, era muito apegado ao meu pai, a minha família. Eu falei, quem está na chuva é pra se molhar. Fui lá, fomos todos condenados. Eu e o Luiz de Oliveira Mota, grande companheiro, também já falecido, ficou preso comigo. Nós já saímos do Superior Tribunal Militar presos. Fui enquadrado no artigo 14 da Lei de Segurança Nacional; seis meses de cadeia por organizar, formar, incentivar, aquele montão de “ar”, partido clandestino e etc. Já descemos para o subsolo do Superior Tribunal Militar acompanhados pela Polícia Federal, entramos no camburão e de lá fomos direto para o Centro de Custódia. Desse momento em diante o trem maneirou, não deixando de ter provocações. No Centro de Custódia eles tiraram as nossas roupas, tiraram cintos como de praxe - aqueles cuidados para não haver o suicídio. Ficamos no Centro de Custódia e fomos recebidos pelo Ronaldo ‘Bics’. Ele perguntou o que precisávamos, e eu disse que precisávamos de um advogado. Perguntei: Você tem quantos? Ele disse que tinha 23. Então, arruma um.

O indiano estava lá porque no Centro de Custódia ficavam os estrangeiros que estavam esperando a extradição. Aquele falsificador de quadros, francês, que tomou remédio na hora de embarcar, para não ir... Ficamos um dia lá e de lá viemos para a Polícia Federal daqui - na época era em cima da Caixa Econômica Federal. Parece que eles não sabiam que eles tinham um escritório na Rua 7, em frente à loja do Natal. O irmão do Marcantônio tinha uma loja de máquinas lá e viu nós descendo do carro algemados, descendo do camburão. De lá nos transportaram para a Detenção, na Independência. Na Detenção nos colocaram primeiro em uma cela, eu e ele. Com três dias passou a gente para a cela de preso comum. Ficamos lá

durante 15 dias, só que lá, com presos comuns, a gente era respeitada: chamavam a gente de professor. Eu comecei até a querer dar aula do Mobral lá. Pedi minha família para levar o livro para alfabetizar alguém, fazer algo de útil dentro da cadeia.

Na hora que eu entrei dentro da cadeia pensei comigo: meu mundo lá fora acabou, eu tenho que viver aqui agora, tenho que me acostumar aqui dentro. Fiquei 15 dias lá. A família trabalhou e me levou para o CEPAIGO. Condenado ficava lá, mais cedo ou mais tarde iria para lá, mas abreviou porque o CEPAIGO em vista da Detenção é um paraíso. A Detenção era um inferno, não tinha vaso, não tinha água para tomar banho, tomava banho de vez em quando, quando ia tomar banho de sol. Isso quando não o colocavam de castigo. Comida era dentro do uma lata de cera; parecia que eles pisavam em cima da comida, e nós éramos obrigados a comer aquilo.

Eu saí de lá e fiquei sendo assediado no refeitório pelos presos comuns de outras celas, os das celas vizinhas já tinha ganhado, eram todos amigos; o Tiãozinho falava, qualquer coisa com você, você me fala. Modéstia à parte, já tinha alcançado uma liderança. Mas no refeitório nos misturávamos mais com pessoas que nós nunca tínhamos visto. Aí queriam levar o tênis, ou qualquer coisa de valor. Diziam, é meu isso aí. Roubavam lá dentro mesmo. Eu tirava tudo, ia para lá de sandália havaiana mesmo, esculhambado para não chamar a atenção deles e não ser ameaçado, Porque se não você morre lá dentro da cadeia mesmo. Parece que eles faziam até de propósito, jogava você lá a Deus dará.

No CEPAIGO eu fiquei na cela de provinha: deixam você 15 dias incomunicável para ver se você era bom elemento, a provinha que eles chamam. Nesse meio tempo, minha tia trabalhava no Hospital Geral e pediu ao Dr. Juraci Freire, que era diretor da enfermaria do CEPAIGO, para me transferir para a enfermaria para me tirar do meio dos presos. Aí eu fiquei mais 15 dias depois da provinha, fiquei um mês no meio dos presos. Mas também já tinha feito amizade com todo mundo. Transferiram-me para a enfermaria, e lá eu fui ser enfermeiro. Para ficar lá tinha que ser enfermeiro, e eu aprendi a aplicar injeção. Eu peguei amizade com os presos porque os presos tratam o enfermeiro bem, a maioria quer droga, aí você dá um Melhoral para eles tomarem e aquele trem todo. O Paraibinha e o Raimundinho, que eram dois presos condenados por homicídio, estupro e tudo que tinha de ruim, tinham quase cem anos de cadeia e acabaram virando meus amigos. Nesse meio tempo foi julgada a turma do Adão, a turma do Abrão porque iniciava com a letra “a”: o Abrão, o Benito, o Wilmar Alves, o Paulo Vilar, o Washington, o pessoal de Anápolis, o Clovis. Então eles foram para lá e eu comecei a preparar o meio campo para eles irem. O diretor prisional, o Custódio, ele gostava muito, como todo funcionário público, de sobressair para ganhar promoção. E o Taquinho, que de vez em quando ia lá filmar para mim, ele era muito grato, eu arrumei para ser secretário dele o Wilmar Alves, jornalista, fazia matérias e mandava para o Cinco de Março. Com isso, fui pegando certa confiança com ele, respeito. Antes de eu ser enfermeiro eu era secretário dele, do diretor, quando o Taquinho foi lá. Quando o Wilmar chegou, eu falei: Wilmar eu arrumei para você ser secretário do homem. Nesse meio tempo eles entraram e ficaram. Como tinha aberto um precedente para a gente ficar na enfermaria, eles colocaram todos os presos políticos na enfermaria. Aí ficou ótimo! Tinha o Abrão e o Benito que eram médicos, e eu era enfermeiro deles; eles foram ser médicos na enfermaria. Foi até bom porque eu aprendi a aplicar injeção naqueles bandidos lá. Foi bom! Todos companheiros. Tinha o Pedrão, que era meu amigo, pistoleiro, falava para mim que era irmão do Jaques Jales. Foram praticamente cinco meses. Depois saí do CEPAIGO, saí primeiro, o pessoal continuou, tinha sido condenado há mais tempo.

Quando eu saí e fui comemorar minha saída, a família deu aquela festa e eu levei o bater de carteira comigo, porque peguei amizade com ele e então ele foi comigo. Era um pessoal puro; eles estavam ali como consequência da fome; era problema estrutural, tem que entender esse lado também. Esse Morroni virou meu amigo. Ele não tinha para onde ir, e eu falei: Vamos lá em casa comer um churrasco. Ele se comportou direitinho, respeitava... Quando voltei a trabalhar, passava sempre na televisão. Então tem essas coisas.

Eu sair e deixar os amigos lá foi o fim da picada. Eu peguei muita amizade pelo Wilmar, que acabou virando meu compadre, faleceu há pouco tempo. Um grande companheiro, sincero, um cara solidário ao extremo, muito bom jornalista, inclusive o Correio Braziliense deu uma matéria de uma página com ele depois que ele morreu. Ele era um cara exemplar, ensinou muita gente a trabalhar, humilde, não era estrela. Então, eu e ele pegamos uma amizade muito grande, e largar os companheiros lá para mim foi o fim da picada. Como eu não estava trabalhando, não voltei para a televisão, de propósito fui ao Correio Braziliense e falei: para o Wilmar não perder o emprego, eu queria ficar no lugar dele e na hora que ele sair ele volta, continua no lugar dele e eu saio. Só para eu também não ficar desempregado. Fiquei, mas me sobrava tempo, o que eu fiz? Armei um esquema com a família do pessoal para ir a Brasília para requerer um habeas corpus. Eles subiam para o Superior Tribunal, e eu ficava escondido dentro do carro - um carro velho que eu tinha; secava o carro, arrebentava o radiador, as mulheres desciam todas, eram todas esposas, para por água. Era um sofrimento naquela época. Tinha o advogado que morreu há pouco tempo, o Rômulo Gonçalves, que é outro que eu acho que merece uma homenagem. Ele defendia preso tendo dinheiro ou não. Aquele merece uma homenagem, ele era amigo de todos. Se tinha dinheiro pagava, se não tinha ele defendia da mesma forma.

Nesse período que o pessoal estava preso até o Neso Natal, que hoje é meu irmão, que eu considero demais, ele chegou desfigurado e por coincidência eu estava lá. Eu não parava de ir ao CEPAIGO, já conhecia o sargento, já conhecia o oficial de dia, então chegava lá e falava com a maior facilidade, participava de reuniões dentro do CEPAIGO com eles, trazia as resoluções. O Neso chegou, e eu não conhecia o Neso (o Neso foi embora assim que eu peguei o embalo na esquerda, no PCB). Ele chegou e eu fiquei impressionado com estado do Neso. Eu lembrei até do episódio do Luiz Carlos Prestes, que estava preso e que o advogado o Sobral Pinto pediu, invocou para ele a Lei de Proteção aos Animais. Então, o Neso chegou em um estado deprimente. Fizeram uma lavagem cerebral nele, ele não falava coisa com coisa, falava português, falava russo, falava de tudo, menos coisa certa. Sem querer, e devido ao estado dele, ele falava coisa sobre a União Soviética, ele falava mal. Hoje é uma cara leal, agradecido à pátria que deu acolhida a ele. O estado do Neso me chamou muito a atenção, e eu quando tinha um tempo disponível ficava indo lá. Quase diariamente eu ia ao CEPAIGO. Quando não era no CEPAIGO, era em Brasília ou era nos advogados. O Dr. Rômulo morava em uma chácara, tinha uma chácara, e eu ia atrás do Dr. Rômulo; atolava carro para chegar lá. Moral da história: Quando saiu todo mundo, o pessoal achou por bem prestar uma homenagem a mim, pela solidariedade, e eu fiquei muito satisfeito, me senti realizado em poder ajudar alguém, mesmo não estando militando.

O que eu fiz depois de deixar a cadeia? Além disso, que levou mais uns 6 meses, logo o pessoal saiu da cadeia, veio a condicional, o único que ficou foi o Neso. Além disso, começamos a pensar em reorganizar o partido. Houve uma movimentação para reorganizar o partido: o Alaor, o Tibúrcio, o Elias Moreira. Minha casa, eu não tinha casado naquela época,

serviu de aparelho para a reunião; passamos um dia e meio em reunião. Ninguém dormiu a noite, todo mundo em claro, segurança. Eu inclusive era um segurança, com a fortaleza de 57 quilos eu resolvia qualquer coisa. Continuamos lá para reorganizar o partido. E aí parece que não deu em nada, o pessoal não levou a sério.

LEMBRANÇAS E MARCAS

Logo surgiu a anistia, com o Figueiredo, em 1979. Depois da anistia o pessoal quis... Ah, tem esse detalhe: nós éramos do partido, do PCB, mas militávamos no MDB para termos legalidade. Nós inclusive conseguimos em 1970 eleger o vereador mais votado de Goiânia, que foi o João Silva Neto. Então nós tínhamos realmente uma base: deputado estadual, simpatizante nosso que era deputado federal, fazia coligação, e até senador, que era o Henrique Santilho, que era simpatizante do partido. Ele dava cobertura para a gente. Eu fiz reunião do Henrique Santilho com o pessoal para fazer propaganda, para dar apoio para o Henrique. Então, a gente realmente teve um partido forte, bem estruturado e era por isso que o pessoal sabia, os meios de informações tinham conhecimento.

Entre nós existia o elemento virtual, tinha um elemento chamado Trovão, ele era financeiro e nós fomos cobrar as finanças dele – tínhamos feito uma campanha de finanças em solidariedade ao Vietnã - e ele ameaçou mandar todo mundo para a cadeia, nos denunciar se nós quiséssemos receber. Então, tinha esses elementos que a gente não contava. Teve também o episódio do pessoal da televisão. Eles comunicavam que iria ter uma rede nacional e não dizia o que era. Está formada a rede nacional, com aquele vozeirão, e o locutor oficial da presidência da República colocava o pessoal, ex-companheiros para falar, vários de Goiânia. Fiquei constrangido, triste por aquele episódio, porque a gente jamais imaginava que iria chegar naquele ponto. Eu conhecia todos, nós militávamos na política estudantil, eram elementos bons, como o Alan, só que eles eram de outro partido, não era da nossa organização. Eles eram da Ação Popular. No partido não aconteceu isso não. Então, eu fiquei constrangido, foi uma desmoralização para a esquerda, parece que generalizou a coisa, mas paciência. Nós não podíamos fazer nada, nem por isso nos afastamos. Eu sou amigo deles até hoje. Tiveram motivos. Qual foi o motivo, eu não sei. Se eu tivesse na pele deles não sei se eu iria fazer ou não. No caso de abrir o útero para tirar uma criança, talvez, mas não sei se chegaria a tanto. Não sei, cada um tem uma reação. Não venha com negócio de bater papo: que eu faço isso, faço aquilo, que na hora você perde a cabeça, você fica doido. Tanto é que até hoje nós temos problemas, o Neso em particular, que é meu amigo, meu irmão. Nós somos nervosos, nós não temos estabilidade emocional. Tem companheiro aí que toda hora está chorando, que sem mais nem menos está emocionado. Então, até hoje nós temos sequelas daquela época. Se você falar que eu sou uma pessoa normal, eu não sou uma pessoa normal. Eu já passei na mão de psiquiatra, na mão de psicólogo, já tentei melhorar. Mas não sou uma pessoa normal. Imagina o medo que a gente tinha de voltar para casa. Não sabia se amanhã gente estaria livre, e tinha que lutar, tinha consciência que não podia... Depois que o Ismael morreu deu força para a gente, fiquei revoltado. Eu negava coisas que diziam que já tinha falado, eu dizia não sei. Por quê? Somos realmente descontrolados emocionalmente. Isso é uma autocrítica que eu aprendi no partido. No partido você tem que ter crítica e autocrítica, e é muito importante o homem ter autocrítica. Eu aprendi que todos nós devemos reconhecer as nossas falhas, os nossos limites.

E depois disso, depois da prisão, depois da anistia do Figueiredo, eles continuaram nos perseguindo, tanto é que na minha ABIN, que eu peguei agora recentemente, está que eu fui observado até 1988, que eu fazia parte da Associação Instituto Cultural Brasil União Soviética, na minha ABIN consta isso. Eles estavam nos acompanhando ainda até 88. Para falar com franqueza, a partir daquele movimento eu pensei que já tinha caído. Mas não caiu não, o negócio durou até a Constituinte. Depois da Constituinte foi que veio realmente a democracia, e as coisas mudaram.

Até hoje tenho pesadelos horríveis, eu particularmente tenho: de estar sendo preso, medo de voltar atrás. Os jovens deveriam ler um pouco da história do Brasil para conhecer esses detalhes, para ajudar a preservar a democracia. Como dizem, a democracia é igual ao ar que nós respiramos, se perder nós ficamos completamente desequilibrados.

Foi realmente um período triste. Até hoje, depois da democracia, para os direitistas sou ainda um comunista velho. Há críticas infundadas do direitista do ditador (...) contra a anistia, contra a pensão que o governo nos concedeu. Eu não vou entrar no mérito desse tipo de coisa. Eu pergunto se acontecesse com eles a mesma coisa, se uma filha deles tivesse sido torturada, se invadissem a casa deles altas horas da noite, sem a ordem judicial? Se fizessem o mesmo, se hoje a polícia fizesse o mesmo, se o Estado brasileiro fizesse isso com ele, se ele não iria entrar com um pedido de indenização?

Os ditadorezinhos de pijamas, os torturadores que estão soltos aí, que hoje se está discutindo se devem ser julgados ou não, e que eu acho que devem ser julgados, o crime não é político, é contra o ser humano; é um crime comum, deve ser julgado. A anistia não é extensiva a isso, o pouco que eu entendo de Direito dá para perceber, isso está lá.

Nós estamos esperando até hoje pela justiça, nós só vamos sentir que fizeram alguma coisa por nós, que reconheceram a nós, depois que entregarem os restos mortais do pessoal do Araguaia, os restos mortais de muitos companheiros que foram mortos com tortura. Ninguém sabe, há muitas mães esperando, igual à mãe do Mirim, que morreu no desastre da rodovia esperando pelo filho. Não fechava a porta da casa dela esperando o filho, morreu esperando o filho. Então, enquanto não fizer isso, não punir exemplarmente os torturadores, não vamos nos sentir em paz, não vamos nos sentir tranquilos. Nós estamos sempre ameaçados.

O Exército hoje não, ele hoje está cumprindo o seu dever constitucional, está dentro dos quartéis exemplarmente cumprindo o seu dever que é defender o Brasil, a soberania nacional, tomar cuidado com invasões para não ser invadido pelos americanos, já que os americanos falaram que a Amazônia não era território de ninguém, é da humanidade. Eles já estão preparados, os Estados Unidos nós já sabemos a história deles, eles são capazes de tudo, de outra guerra. Eles já têm várias guerras aí: no Afeganistão, no Iraque e agora o genocídio que Israel está cometendo, que é um genocídio contra crianças. Morreram 247 crianças lá em Israel; isso até hoje, dia 15 de janeiro, e ninguém fala nada, não vai contra. A ONU, Israel não respeita a ONU, não respeita nada. Eles têm um grande parceiro que é o americano, o americano está por trás. O apoio do americano é constante para Israel.

Então, nós vivemos esse sofrimento todo. Hoje eu estou com a família formada, uma esposa maravilhosa, filhos. Tenho 4 filhos: a Taliana, que foi ameaçada na época pelo Exército, hoje está aí, me deu uma neta maravilhosa, que é a Mariana. Graças a Deus, eu tenho Ludmila, o Rodrigo, a Tatiana, são filhos exemplares, todos formados. Consegui formar todos, com a

cabeça meio ruim, ansioso, sou ansioso demais. Gosto das coisas para ontem, nervoso demais. E tenho uma esposa que me compreende, sabe dos meus traumas, das minhas deficiências. E um companheiro que sofreu um absurdo, que é o Neso, que eu não saio do lado dele, até hoje estamos lado a lado. Sempre que é possível nos encontramos. Ele realmente para mim é um irmão que me deu apoio e me ajudou.

É continuar a vida. Estou aguardando uma resolução do governo, todos nós estamos aguardando a entrega dos restos mortais do pessoal do Araguaia. É a nossa cobrança.